

Resenha: O suplício de Papai Noel

Review: *The punishment of Santa Claus*

Marina Vinha*

DOI: <http://dx.doi.org/10.20435/231819822016114>

LÉVI-STRAUSS, Claude. *O suplício de Papai Noel*. São Paulo: Cosac Naif, 2008.

São 47 páginas embutidas numa capinha vermelha, com encadernação branca de excelente qualidade e delicadamente pontilhada com vírgulas e aspas, tudo diminuto e na cor vermelha. O título indica um estudo sobre Papai Noel, escrito em 1952 por Lévi-Strauss, reimpresso em 2008, com tradução de Denise Bottman, publicado pela Cosac Naify em comemoração aos 100 anos do autor.

Fui guiada pelo reconhecimento que dedico a Lévi-Strauss por teorizar os princípios do estruturalismo, expostos em seus livros – *O Pensamento Selvagem*, *Tristes Trópicos*, *Antropologia Estrutural*, dentre outros –, os quais se tornaram referência na área das Ciências Humanas. As análises estruturalistas de Lévi-Strauss são instigantes, brilhantes e profundas, de forma que o pequeno livro me ajudou a interpretar o sentimento confuso que se apossava de mim, no período das festas natalinas: rejeição, deleite, boas reuniões familiares, convivência com pessoas que ‘odeiam’ o

Natal ou o ‘adoram’, enquanto outros se entristecem e alguns fazem piadas reduzindo tais festividades ao processo capitalista.

A problemática do livro envolve o personagem Noel em um fato histórico e político ocorrido em 1951, na França. Lévi-Strauss o presenciou e acompanhou a repercussão junto à opinião pública. A notícia publicada no jornal *France-Soir*, em 24 de dezembro de 1951, alardeava: “Papai Noel é queimado no átrio da Catedral de Dijon diante de crianças de orfanatos”¹. O simbólico boneco foi enforcado e, em seguida, queimado na frente das crianças, com o aval do Clero. A Igreja considerava Noel ‘usurpador’ e ‘herege’, acusado de ‘paganizar’ a festa de Natal e de ser ‘intruso’, pois entrou nas escolas junto com o presépio cristão.

Após o holocausto do bom velhinho, distribuíram um comunicado, cujo

¹ O que teria motivado o Clero a sacrificar Papai Noel em um orfanato, na presença daquelas crianças vulneráveis, e não em um shopping ou em uma escola?

* Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Dourados, Mato Grosso do Sul, Brasil.

teor versava sobre a ‘união dos lares cristãos dispostos a lutarem contra a mentira’ e que ‘o simbolismo do enforcamento e queima servia como ato educativo para as crianças’. Incomodado com o reducionismo acerca do fato, Lévi-Strauss considerou simplista demais associarem a comemoração de Natal apenas à influência dos Estados Unidos! O fato é que a população estava “diante de um ritual cuja importância flutuou bastante ao longo da história; teve apogeus e declínios” (p. 15).

Segundo o autor, as vestes vermelhas de Noel são de rei, a barba branca, as botas, o trenó e as renas remetem ao inverno, e é chamado ‘papai’ por ser idoso e encarnar “a forma benevolente da autoridade dos antigos” (p. 22). As renas estão nos documentos renascentistas ingleses antes de serem associadas ao trenó, e este se desenvolveu na última guerra, devido à presença de tropas americanas na Islândia e na Groelândia. Assim, fundem-se e refundem-se elementos muito antigos e introduzem novos para transformá-los, argumentou Lévi-Strauss.

Noel não é um ser mítico, pois não há mito que associe sua origem e funções. É um ser sobrenatural, imutável, com retorno periódico, cuja forma está fixada e pertence à família das divindades. As crianças prestam culto ao Noel apenas em certa época do ano, sob a forma de cartas, e ele as recompensa quando são boas. É uma “divindade de uma categoria etária de nossa sociedade” (p. 23), cuja característica é a de acreditar em Papai Noel. O que o diferencia de

outras divindades é que os adultos não acreditam nele!

Geralmente invocamos a vinda de Papai Noel durante o ano todo para lembrar que a generosidade dele será proporcional ao bom comportamento das crianças. Assim, afirma o autor, a vinda de Noel não é apenas uma mistificação, mas o resultado de uma ‘negociação’. Embora ritos e mitos tenham uma função prática nas sociedades humanas, essa negociação é apenas a função secundária. A principal é explicada pelo autor recorrendo à analogia com as *Katchina*, que são almas das primeiras crianças indígenas que se afogaram em um rio, à época das migrações ancestrais e significam ‘prova da morte’ e ‘testemunho da vida’ após a morte.

Noel se liga a um estudo da etnologia, que são os ritos de passagem e de iniciação. Para exemplificar, o autor faz uma analogia entre Papai Noel e as *Katchina*, dos indígenas norte-americanos Pueblo. São personagens fantasiados, mascarados, que encarnam deuses ancestrais e voltam periodicamente à aldeia para dançar, punir ou recompensar as crianças. E as crianças não reconhecem seus pais ou parentes sob o disfarce tradicional. No mito indígena, as *Katchina* visitavam os parentes da aldeia todos os anos e, ao ir embora, raptavam as crianças. Desesperados, os indígenas conseguiram que as *Katchina* ficassem no ‘além’, prometendo representá-las uma vez ao ano com danças e máscaras. Dessa forma, as crianças ficaram excluídas do mistério das *Katchina*, não por

intimidação, ao contrário, porque elas são as *Katchina*! O mistério, segundo o autor, é que há uma relação complementar entre iniciados e não iniciados: um representa os mortos e o outro os vivos.

De forma semelhante, na medida em que “as crenças e os ritos ligados ao Papai Noel derivam de uma sociologia iniciática” (p. 25), eles trazem à tona algo mais do que a oposição criança/adulto, ou seja, trazem a oposição morto/vivo. Hoje em dia, as tendências educacionais racionais enaltecem a figura benevolente de Noel. Mas Noel não é mais ‘racional’ do que as *Katchina*, apenas ele se mostra como um deslocamento místico, segundo reflexões da análise sincrônica das funções de certos ritos e do conteúdo dos mitos, explica o autor.

Já a visão diacrônica leva a origem do Papai Noel ao ‘Abade do Desregramento’, o qual é rei do Natal nas *Saturnais* da época romana, que eram as festas dos mortos por violência ou abandonados sem sepultura. Assim, por trás do velho Saturno [*devorador de crianças*] alinham-se o bom velhinho Noel [*benfeitor das crianças*], o Julebok [*demônio chifrudo que traz presentes para as crianças*], São Nicolau [*ressuscita as crianças e lhes dá presentes*] e as *Katchina* [*crianças mortas precocemente, que distribuem castigos e presentes*]. E todos esses personagens eram festejados no mês de dezembro, assim como hoje é Papai Noel, resultante da fusão sincrética entre essas várias figuras.

Os ritos natalinos não são apenas “vestígios históricos, mas também de

formas de pensamento e comportamento que derivam das condições mais gerais da vida em sociedade” (p. 33). De fato, desde a Antiguidade até a Idade Média, as festas de dezembro apresentam as mesmas características: decoração com folhagens verdes, presentes trocados ou dados às crianças, alegria, festejos, confraternização entre ricos e pobres, de forma que tanto as Saturnais romanas quanto o Natal medieval ofereciam duas características: reunião e comunhão; e a suspensão temporária da diferença entre as classes, durante os festejos que envolviam três grupos de protagonistas: crianças, jovens e adultos. Hoje, mais enfraquecido, envolve adultos e crianças.

Na Idade Média, as crianças não aguardavam os brinquedos descendo pela chaminé, mas saíam de casa em casa, cantando e apresentando seus votos, recebendo doces e frutas. O significativo é que as letras das músicas evocavam a morte: “Vai, minha senhora, nada de preguiça!/Repartir teu pão enquanto estás viva./Dia virá em que estarás bem morta./Sem precisar de pão nem de compota” (p. 39).

Quem pode personificar os mortos numa sociedade de vivos são aqueles que não estão completamente integrados ao grupo, que participam da *alteridade* própria do dualismo entre os mortos e os vivos. Assim, os principais beneficiários da festa eram estrangeiros, servos e crianças. A inferioridade político-social e a desigualdade etária são critérios equivalentes. Não surpreende, portanto, que o Natal seja festa de

presentes, pois “a festa dos mortos é, na essência, a festa dos outros”. “O fato de ser outro é a primeira imagem aproximada que podemos construir a respeito da morte” (p. 43), diz Lévi-Strauss.

O que leva o personagem Noel a ganhar espaço é herdar e, ao mesmo tempo, ser a antítese da racionalidade. Essa transição entre um e outro melhora nossas relações com a morte. Estando essas relações regidas por um espírito de benevolência, podemos lhe oferecer presentes, ou seja, símbolos, provocando o enfraquecimento da relação morto/vivo. A contradição seria insolúvel, se não admitíssemos outra atitude diante da morte [não no modo tradicional de espíritos e fantasmas], ou seja, o que a morte simbólica representa: pobreza, aridez e privação.

Observando o cuidado que temos com Noel, para manter seu prestígio junto às crianças, o autor pergunta se será por que ainda persiste em nós a vontade de acreditar na generosidade irrestrita, na gentileza desinteressada, na suspensão dos receios, da inveja e das amarguras? Dessa maneira, os

presentes de Natal continuam a ser “o sacrifício à doçura de viver, que consiste, em primeiro lugar, em não morrer”. Para tanto, inculcamos nas crianças que os presentes vêm do ‘além’, “o que se torna um alibi ao movimento secreto que nos leva a ofertá-los ao além, sob o pretexto de dá-los às crianças” (p. 45).

Retomando o fato ocorrido em Paris, Lévi-Strauss afirma que a Igreja não estava errada quando denunciou ser Noel a representação mais sólida do paganismo no homem moderno. E, sem dúvida, o homem moderno pode, sim, defender seus direitos de ser pagão! Além disso, há um longo caminho entre as Saturnais e o bonachão Noel. Um dos traços mais arcaicos é que o rei das Saturnais, depois se entregar a todos os excessos, durante as festividades, era solenemente morto em sacrifício, no altar de Deus! Paradoxalmente, o episódio francês reconstituiu todas as características do ritual. Pretendendo ‘acabar’ com Papai Noel, os eclesiásticos restauraram “uma figura ritual cuja perenidade, a pretexto de destruí-la, coube justamente a eles demonstrar” (p. 47).

Sobre a autora:

Marina Vinha: Doutora em Educação Física pela UNICAMP/SP. Professora da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Faculdade de Educação – Licenciatura em Educação Física. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas – *Ludodiversidade e Saúde Social* – CNPq/UFGD. **E-mail:** marinavinha@ufgd.edu.br

Recebido em dezembro de 2015.

Aprovado para publicação em março de 2016.